



INTERVENÇÕES COMPORTAMENTAIS PARA A FLEXIBILIDADE COGNITIVA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: PERCEPÇÕES DE PSICÓLOGOS

Ana Beatriz Borges da Silva Santos¹, Estér de Souza Batista Corrêa², Maria Vitória Pereira Nogueira³ Gênesis Guimarães Soares⁴

¹ Centro Universitário de Excelência (UNEX), Vitória da Conquista/Ba, Brasil
(ana.beatriz.borges.abs@gmail.com)

² Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Vitória da Conquista/Ba, Brasil

³ Centro Universitário de Excelência (UNEX), Vitória da Conquista/Ba, Brasil

⁴ Centro Universitário de Excelência (UNEX), Vitória da Conquista/Ba, Brasil

Resumo:

A inflexibilidade cognitiva é uma característica recorrente do Transtorno do Espectro Autista (TEA), impactando a adaptação, a autonomia e a qualidade de vida. Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou analisar as estratégias de intervenção utilizadas por psicólogos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco profissionais com experiência em Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo e os resultados evidenciaram que a rigidez comportamental se manifesta por resistência a mudanças e apego a rotinas, repercutindo nos contextos clínico, escolar e familiar. As estratégias de intervenção destacadas foram o reforçamento positivo, o uso de suportes visuais, histórias sociais e a introdução gradual de mudanças. Conclui-se que intervenções individualizadas, fundamentadas na ABA e com forte envolvimento familiar, são fundamentais para promover a adaptação, a autonomia e a qualidade de vida dessas crianças.

Palavras-chave: Análise do Comportamento Aplicada; Flexibilidade Cognitiva; Psicologia Clínica.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação e na interação social, além da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (American Psychiatric Association, 2022). Entre as características frequentemente observadas em crianças com TEA, destaca-se a dificuldade em lidar com mudanças na rotina, adaptar-se a novas situações e modificar estratégias diante de imprevistos, aspectos relacionados ao comprometimento da flexibilidade cognitiva.

A flexibilidade cognitiva é uma função executiva essencial para a adaptação às diferentes demandas do cotidiano. Essa habilidade permite que o indivíduo reorganize pensamentos e comportamentos diante de situações novas, favorecendo a resolução de problemas, a aprendizagem e a convivência social (Diamond, 2013). Quando essa capacidade está comprometida, é comum que a criança apresente

maior rigidez comportamental, resistência a mudanças e dificuldades para enfrentar situações inesperadas, o que pode interferir em sua autonomia, nas relações interpessoais e no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem se destacado como uma abordagem amplamente utilizada no atendimento de pessoas com TEA por utilizar estratégias baseadas em evidências científicas para promover comportamentos socialmente relevantes. Por meio de intervenções planejadas e individualizadas, a ABA busca ampliar habilidades adaptativas, estimular a aprendizagem e favorecer o desenvolvimento de comportamentos mais flexíveis, respeitando as necessidades e o ritmo de cada criança (Cooper; Heron; Heward, 2020).

Embora existam diversos estudos sobre o TEA e sobre as intervenções baseadas na ABA, ainda são limitadas as pesquisas que exploram como os profissionais da Psicologia compreendem a inflexibilidade cognitiva no contexto clínico e quais estratégias utilizam, na prática, para promover o desenvolvimento dessa habilidade. Conhecer essas experiências é importante



para fortalecer práticas terapêuticas fundamentadas em evidências e contribuir para um cuidado cada vez mais qualificado e individualizado (Geurts; Corbett; Solomon, 2009).

Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar as manifestações comportamentais relacionadas ao déficit na flexibilidade cognitiva em crianças TEA, bem como compreender, a partir da percepção de profissionais da Psicologia, as principais estratégias de intervenção utilizadas para favorecer o desenvolvimento de comportamentos mais adaptativos, ampliando as possibilidades de autonomia e participação dessas crianças em diferentes contextos de vida.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida com o objetivo de compreender como profissionais da Psicologia percebem as manifestações da inflexibilidade cognitiva em crianças com TEA e quais estratégias de intervenção utilizam para favorecer o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva.

Participaram do estudo cinco psicólogos com experiência no atendimento de crianças com TEA, atuantes em diferentes contextos clínicos e com experiência em intervenções fundamentadas, principalmente, na ABA. Os participantes foram convidados de forma voluntária e concordaram em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, elaboradas com base na literatura sobre funções executivas, flexibilidade cognitiva e intervenções comportamentais no TEA. As entrevistas possibilitaram compreender a percepção dos profissionais acerca das manifestações da inflexibilidade cognitiva, das estratégias utilizadas na prática clínica e dos desafios encontrados durante o processo terapêutico.

Os dados obtidos foram organizados e analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), permitindo a identificação de categorias temáticas relacionadas às manifestações da inflexibilidade cognitiva, aos procedimentos de avaliação, às estratégias de intervenção e ao monitoramento do progresso terapêutico.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia (IMES), sob CAAE nº 89317825.4.0000.5032 e parecer favorável emitido em 19 de julho de 2025.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas evidenciou que a inflexibilidade cognitiva está presente de forma significativa no cotidiano de crianças com TEA, manifestando-se, principalmente, pela resistência a mudanças, apego excessivo às rotinas, repetição de comportamentos e dificuldade em adaptar-se a situações inesperadas. Segundo os profissionais entrevistados, essas características podem ser observadas em diferentes contextos, como durante as sessões terapêuticas, no ambiente escolar e nas relações familiares, interferindo diretamente na participação da criança nas atividades diárias.

Os relatos demonstraram que essas manifestações não ocorrem de maneira isolada, mas repercutem em diversos aspectos do desenvolvimento infantil, limitando a exploração do ambiente, a aprendizagem de novas habilidades e a construção de relações sociais mais amplas. Esses achados estão em consonância com o DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2022), que descreve a insistência em mesmice e os padrões restritos e repetitivos de comportamento como características centrais do TEA.

Entre os exemplos mais frequentes relatados pelos participantes, destacaram-se o brincar repetitivo, a preferência por um único brinquedo ou atividade, a dificuldade em aceitar mudanças de ambiente ou de rotina e a resistência diante de pequenas alterações na organização das tarefas. Também foram mencionadas dificuldades relacionadas à troca de turnos durante brincadeiras, à realização de atividades diferentes das habituais e à adaptação a mudanças inesperadas no contexto escolar ou familiar.

Embora esses comportamentos possam proporcionar previsibilidade e sensação de segurança para a criança, também restringem novas experiências, dificultam a aquisição de habilidades, reduzem as oportunidades de interação social e comprometem a capacidade de enfrentar situações cotidianas de forma mais adaptativa. Nesse sentido, Diamond (2013) ressalta que a flexibilidade cognitiva é uma habilidade fundamental para a adaptação às demandas do ambiente, favorecendo a aprendizagem, a resolução de problemas e a autonomia.

Os profissionais também destacaram que a rigidez cognitiva repercute negativamente na autonomia e nas relações interpessoais, podendo desencadear crises de frustração, ansiedade e comportamentos interferentes quando a criança é exposta a situações imprevistas. De acordo com os entrevistados, essas dificuldades repercutem diretamente na rotina familiar, uma vez que pequenas mudanças podem provocar intenso



sofrimento emocional, exigindo adaptações constantes dos cuidadores.

No ambiente escolar, a dificuldade em flexibilizar comportamentos pode comprometer a participação em atividades coletivas, a interação com colegas e o acompanhamento das propostas pedagógicas. Dessa forma, os resultados reforçam que o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva deve ser compreendido como um dos principais objetivos das intervenções voltadas às crianças com TEA, por favorecer maior independência, participação social e qualidade de vida.

Quanto às estratégias terapêuticas, observou-se consenso entre os participantes sobre a importância de intervenções individualizadas, planejadas e baseadas em evidências científicas. Entre os recursos mais citados, destacaram-se o reforçamento positivo, utilizado para fortalecer comportamentos mais flexíveis; o uso de histórias sociais, que auxiliam na compreensão de situações novas e na preparação para mudanças; os suportes visuais, que tornam a rotina mais previsível; e a introdução gradual de modificações nas atividades, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada criança (Skinner, 2003).

Os participantes ressaltaram que a exposição às mudanças deve ocorrer de forma progressiva e cuidadosa, permitindo que a criança desenvolva maior tolerância à frustração sem que a intervenção se torne aversiva. Além disso, destacaram que a repetição planejada dessas estratégias favorece a consolidação de novos repertórios comportamentais.

Os profissionais também enfatizaram a relevância do ensino estruturado, da manipulação planejada das contingências e da generalização das habilidades para diferentes contextos, favorecendo respostas mais adaptativas diante das demandas do cotidiano. Os achados corroboram os princípios da ABA, que preconiza intervenções sistemáticas, individualizadas e orientadas por dados para promover mudanças comportamentais socialmente significativas (Cooper; Heron; Heward, 2020). Nesse sentido, a efetividade das intervenções está diretamente relacionada à capacidade de adaptar as estratégias às necessidades específicas de cada criança e acompanhar continuamente sua evolução.

Outro aspecto amplamente destacado foi a participação ativa da família durante o processo terapêutico. Os entrevistados consideram que o envolvimento dos familiares potencializa os resultados das intervenções, uma vez que possibilita a continuidade das estratégias fora do ambiente clínico, favorecendo a generalização das habilidades desenvolvidas e contribuindo para uma maior autonomia da criança.

Além disso, a comunicação entre terapeutas, familiares e escola foi apontada como um elemento indispensável para garantir maior coerência entre as intervenções realizadas nos diferentes ambientes frequentados pela criança. Dessa forma, o trabalho conjunto entre equipe multiprofissional, família e escola mostrou-se essencial para a construção de um processo terapêutico mais consistente e efetivo.

Em relação aos procedimentos de avaliação e monitoramento, os profissionais relataram que o planejamento das intervenções inicia-se por uma avaliação clínica detalhada, composta por entrevista inicial, observação do comportamento e análise funcional. Também foram mencionados protocolos específicos, como o VB-MAPP e o AFLS, utilizados como instrumentos de apoio para identificar habilidades já desenvolvidas e necessidades de intervenção. Entretanto, os participantes enfatizaram que esses protocolos não substituem o raciocínio clínico do profissional, sendo utilizados como recursos complementares durante o processo avaliativo, contribuindo para o planejamento de intervenções mais precisas e individualizadas.

O monitoramento contínuo foi apontado como uma etapa indispensável do acompanhamento terapêutico. A análise sistemática dos registros das sessões, as reavaliações periódicas e a discussão dos casos com a equipe permitem acompanhar a evolução da criança, verificar a eficácia das estratégias utilizadas e realizar ajustes sempre que necessário. Para os participantes, esse acompanhamento contínuo favorece intervenções mais assertivas, amplia as possibilidades de adaptação às necessidades individuais e contribui para o desenvolvimento gradual da flexibilidade cognitiva, refletindo positivamente na autonomia, na participação social e na qualidade de vida das crianças com TEA.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo evidenciam que a inflexibilidade cognitiva representa um dos principais desafios enfrentados por crianças com TEA, uma vez que interfere diretamente na capacidade de adaptação às mudanças, na autonomia, nas relações sociais e, consequentemente, na qualidade de vida. As manifestações de rigidez comportamental observadas nos diferentes contextos reforçam a necessidade de intervenções que considerem as particularidades e o ritmo de desenvolvimento de cada criança, respeitando suas condições individuais.

Nesse sentido, verificou-se que intervenções individualizadas, fundamentadas nos princípios da ABA, contribuem significativamente para o



desenvolvimento de comportamentos mais flexíveis e adaptativos. Estratégias como o uso de reforçamento positivo, suportes visuais, histórias sociais e a introdução gradual de mudanças mostraram-se importantes para favorecer a aprendizagem, reduzir comportamentos rígidos e ampliar a participação da criança em diferentes contextos.

Outro aspecto evidenciado foi o papel indispensável da família durante todo o processo terapêutico. O envolvimento dos familiares fortalece a continuidade das intervenções no cotidiano, favorece a generalização das habilidades aprendidas e contribui para que a criança enfrente novas situações com maior segurança e autonomia. Dessa forma, a parceria entre profissionais, família e escola constitui um elemento essencial para o alcance de resultados mais consistentes.

Por fim, considera-se que esta pesquisa amplia a compreensão sobre a flexibilidade cognitiva no contexto do TEA e reforça a importância de práticas clínicas baseadas em evidências. Entretanto, o número reduzido de participantes e a inclusão exclusiva da perspectiva de profissionais apontam para a necessidade de novos estudos que contemplem a participação das famílias, de pessoas com TEA e de diferentes abordagens terapêuticas, ampliando o conhecimento sobre intervenções que promovam o desenvolvimento e a qualidade de vida dessa população.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. **Applied Behavior Analysis**. 3rd ed. New York: Pearson, p.880, 2020.
- DIAMOND, A. Executive functions. **Annual Review of Psychology**, v. 64, p. 135-168, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143750>. Acesso em: 22 de out. 2025.
- GEURTS, H. M.; CORBETT, B.; SOLOMON, M. The paradox of cognitive flexibility in autism. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 13, n. 2, p. 74–82, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2008.11.006>.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.